

O Maio de 68: da luta espontânea a luta autogestionária

Alberto Alves da Silva

O presente artigo visa compreender o significado do movimento estudantil de Maio de 68, sob o prisma de enaltecer a sua contribuição para a história das lutas sociais no atual contexto contemporâneo. Este trabalho pretende realizar uma análise sobre dois olhares que este acontecimento recebeu por parte de sociólogos e historiadores, que se debruçaram em avaliar o contexto social da década de 60, de um lado estão estudiosos que atribuem a rebelião estudantil traços da espontaneidade e impulso estudantil, de outros pesquisadores acreditam que o Maio de 68, foi resultado de uma retomada de consciência por parte dos estudantes, que se auto-organizaram e foram reivindicar mudanças na estrutura social do mundo na época.

Sem dúvidas o Maio de 68, foi um divisor de águas no que consiste a abertura de uma nova consciência por parte da juventude que desejava um novo modelo de sociedade, pautado pela liberdade de gênero e a luta pela paz mundial. Não ficaremos atrelados em apenas apontar esses dois fatores que influenciaram diretamente a organização do levante estudantil, assim como ficou conhecido este movimento. Mas a nossa proposta é analisar este acontecimento histórico como um processo de transição do espontaneísmo jovem, para luta autogestionária.

Na década de 1960, o mundo vivia o auge da Guerra Fria conflito ideológico entre as duas potências mundiais da época o Estados Unidos e a União Soviética que diretamente lutavam pelo hegemonia do planeta. A sociedade europeia vivia o apogeu do desenvolvimento tecnológico que muito influencia a burocratização e a privatização do ensino público. Na França como não seria diferente em outras partes do mundo, como na Espanha, Itália, Polônia. Jovens saíram do âmbito acadêmico e foram protestar pelas ruas. Contrários a privatização do ensino, e o tecnicismo nas grades curriculares acadêmicas, estudantes das Universidades de Sorbone, Nanterre, resolveram parar as suas atividades acadêmicas, em entraram em greve. Havia naquele cenário todo um clima de efervescência política que predominava a mentalidade juvenil. Segundo Paes:

Duas outras palavras revelam também o espírito desta década: *contestação e rebelião*. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária quanto

aquela realizada pela juventude. Ao lado dos *hippies* e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebelião dos “enragés”, os universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. O *não* unia todos eles. (PAES, 2004, p. 20).

Seu protesto não era um protesto político e nem ideológico, pelo contrário, os jovens que participaram das movimento estudantil de 68 eram contrários a qualquer corrente ideológica vigente naquela época. Segundo Olgária Matos em seu livro: “*As barrigadas do desejo*” o Maio de 68 marcou um novo modelo de luta social que ela mesmo o definiu como espontânea. “Em 1968, o próprio movimento de jovens estudantes e operários praticou a espontaneidade consciente e criadora” (1989, pág. 16). Em outro trecho de seu livro ela aponta que:

O ano de 1968, foi o ano da Grande Recusa: recusa dos partidos oficiais, do marxismo burocratizado, e do mundo venal. Recusa e exigência de transformação de valores; quando a revolta acontece em sociedades “prósperas” e “democráticas”, ela significa uma recusa moral: a obscenidade não é mais a mulher nua que exhibe o púbis, mas o general que exhibe a medalha que ganha do Vietnã (MATOS, 1989, p. 36).

Além de representar a recusa da cultura social vigente tradicionalista e cheia de modismos, o Maio de 68 abriu as portas para o que denominamos de cultura da guerra que em plena década de 60 encontrou muitos grupos simpatizantes. Um deles foi o movimento hippie que nasceu com uma proposta de harmonia e paz entre todos os homens. O movimento estudantil do Maio de 68 foi uma ação autônoma de todos os seus integrantes que se reuniram em assembleias e deliberavam a melhor maneira de agir frente as forças opressoras dos governos da Europa. Schilling aponta que:

Paris, com o calçamento revirado, vidraças partidas, postes caídos e carros incendiados, assumiram ares de cidade rebelada. No alto das casas e prédios tremulavam bandeiras negras dos anarquistas. De 18 de maio a 7 de junho, 9 milhões de franceses declararam-se em greve geral. No dia 13 de maio, um milhão e duzentos mil deles marcharam pelas ruas em protesto contra o governo. Liderados por Daniel Cohn-Bendit (Dany le rouge), apelidado de Lenin de Nanterre, Alan Geismar e Jacques Sauvageot, que formavam a linha de frente da contestação, os estudantes colocaram em xeque o regime do velho general. Distanciando-se do marxismo “oficial”, de matriz stalinista, referendado pelos soviéticos e pelo PC francês, muitos deles trataram de ressuscitar pensadores marxistas críticos, que haviam desaparecido do cenário intelectual das esquerdas, tais como Rosa Luxemburgo, Karl Korsch, Antonio Gramsci, o jovem Lukács, bem como os intelectuais da Escola de Frankfurt, dos quais Herbert Marcuse era o mais ativo (SCHILLING, 2008, p. 17).

Como podemos perceber o Maio de 68, foi um movimento, que teve como referências ideias de intelectuais críticos ao marxismo ortodoxo, também denominado marxismo libertário, essa corrente de intelectuais foi idealizadas por autores como Karl Korsch, Lukács, e principalmente Herbert Marcuse filósofo da escola de Frankfurt¹. Suas ideias tiveram um papel preponderante para a idealização do movimento. Devemos salientar que os jovens que participaram das barricadas não lutavam pela tomada de poder, eram avessos a todas as formas de governo do capitalismo vigente, sua luta era coletiva e auto-organizada.

Espontaneísmo ou Autogestão: Fundamentos teóricos do Maio 68.

Como vimos o movimento estudantil de 68, não deteve inspirações de ideais do marxismo burocratizado que denominamos aqui de Marxismo Ortodoxo que teve como seus principais precursores as correntes do leninismo, trotskismo, stalinismo⁶. Fruto de uma consciência coletiva de classe e de uma radicalidade engajadora os jovens das Universidades de Sorbone, Nanterre, se levantaram e foram as ruas levantando faixas, e grafitando palavras de ordem contra o governo burocratizado e neoliberal.

Diferente do que Olgária Matos aponta em seu texto sobre os fatores que motivaram o levante que foram a espontaneidade e o desejo do impulso, não devemos compreender o Maio de 68 como um movimento meramente fundamentado na centralidade do desejo do ser. O Maio de 68 foi um movimento autogestionário, pois em sua organização não se pautou por líderes, nas suas assembleias não haviam divisões de cargos, não havia secretariados e ambições pelo poder. O sentimento que predominava nas manifestações, era uma radicalidade política já antes vista na experiência vivenciada da Comuna de Paris 1871. Apenas o desejo e a espontaneidade de fazer algo bom não levaria os jovens a saírem de casas para lutarem por transformações sociais. Segundo Viana:

Quando as lutas autônomas são substituídas pelas lutas autogestionárias, o conflito se torna mais grave, a guerra civil oculta se transforma visivelmente em guerra civil aberta e ambos os lados radicalizam suas ações e a vitória da classe capitalista ou da burocracia significa a contra-revolução, enquanto que a vitória da classe operária significa a instauração da autogestão (VIANA, 2008 p. 29).

Embora não alcançado seus objetivos o Maio de 68, foi uma luta autogestionária

⁶ Foi o sistema político implantado por Josef Stalin, que instaurou a repressão, militarizava a sociedade Soviética, consolidando assim uma ditadura burocrática e exploradora.

pois se tornou uma guerra civil aberta pautada pela autonomia de seus membros que organizavam barricadas, piquetes, passeatas panfletagens contra o modelo sócio- político e educacional implantado em seus respectivos países. Suas aspirações foram pela busca por liberdade de direitos de expressão.

Considerações finais

Considerando toda a trajetória das lutas sociais da Europa no século XX, o Maio de 68 sem dúvida alguma representou um marco para a contemporaneidade, não por apenas simbolizar os aspectos da mudança de comportamento das pessoas. O movimento estudantil que se alastrou por toda a Europa no ano de 68 deixou como legado que é possível e viável sim a autogestão social, como os jovens e os operários que si auto-organizaram podemos sim nos mobilizar e lutar pela construção de uma sociedade autogerida.

Referências Bibliográficas

- MATOS, Olgaria. *Paris 1968: As barricadas do desejo*. 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. 4º. ed. São Paulo: Afiliada, 2004.
- SCHILLING, Voltaire. *A Revolução Inesperada*. Porto Alegre : Memorial do Rio Grande do Sul- Caderno de História nº 47, pgs. 32. 2008.
- VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

Alberto Alves da Silva

Graduado em História UEG
Agente Social da CPT-GO, 3º Região Diocese
São Luís de Montes Belos
Aluno do curso de Técnico em Meio Ambiente
IFG/ IFPR.
E-mail: albertosilva.historia@gmail.com